

EUA receiam conflitos sociais

Buenos Aires — O plano de alívio da dívida do Terceiro Mundo, anunciado pelo secretário do Tesouro Nicholas Brady, reflete o receio de que a violência que deixou 260 mortos na Venezuela na semana passada possa, em breve, se tornar a regra e não a exceção.

Brady sugeriu sexta-feira que fossem tomadas medidas reduzindo o débito global e ao mesmo tempo facilitando os termos para novos créditos, objetivos até agora não atingidos, apesar de tentativas anteriores dos Estados Unidos, seus aliados ocidentais e o Japão, desde que a crise da dívida surgiu em 1982, quando o México suspendeu os pagamentos do principal.

O grosso da dívida do Terceiro Mundo, cerca de 400 bilhões de dólares, é devido pelos vizinhos dos Estados Unidos na América Latina, onde a maioria dos países está sofrendo de pobreza e fome para juntar moeda estrangeira suficiente para pagar os serviços da dívida.

Juan Vital Sourrouille, ministro da Economia da Argentina, disse que o que aconteceu na Venezuela "causa arrepios em todos nós".

Para apaziguar os credores e conseguir atingir um acordo de estabilização necessária com o Fundo Monetário Internacional, a Venezuela aumentou o pre-

ço da gasolina em 83 por cento e o transporte público em 30 por cento, detonando quatro dias de conflitos populares violentos.

O roteiro já é muito familiar na América Latina.

Pelo menos 100 pessoas morreram em conflitos na República Dominicana, em 1984, quando houve uma reação violenta a um programa de austeridade aprovado pelo FMI. Em 1987, brasileiros enfurecidos atiraram pedras no ônibus onde estava o presidente José Sarney, para protestar contra um aumento no preço de combustíveis.

TENSÕES

O Brasil suspendeu uma moratória de um ano, da dívida, o ano passado, mas 1989 trará novas tensões, porque o Governo está cortando salários reais para atender a objetivos econômicos.

Há um debate sem fim sobre quem deve ser mais responsabilizado pela desordem da dívida do Hemisfério Ocidental, os países que receberam empréstimos altos com facilidade na década de 1970 ou os credores que distribuíram generosamente o dinheiro em condições pouco rígidas.

O que é indiscutível é que, enquanto os bancos credores pagam pela crise em termos de lucros redu-

zidos para os donos de ações, os latino-americanos estão pagando através de miséria crescente e, em casos como a Venezuela, com mortes.

De acordo com estatísticas das Nações Unidas, as nações da América Latina pagam aos credores 29 bilhões de dólares acima do que receberam em moeda estrangeira em 1988. Com efeito, isso é o reverso da ajuda estrangeira, com os pobres subsidiando os ricos, embora isso aconteça para pagar empréstimos.

As nações latino-americanas estão cada vez mais preferindo deixar de pagar, para não se arriscarem a uma revolução social se continuarem a usar praticamente todo o dinheiro disponível no pagamento da dívida externa.

A Argentina não paga coisa alguma desde abril do ano passado.

A Venezuela anunciou que está suspendendo o pagamento da dívida indefinidamente, depois da violência da semana passada.

Outras nações com pagamentos atrasados são o Equador, Peru, Panamá, Nicarágua, República Dominicana, Honduras e Colômbia.

O México, com 16 bilhões, devidos para este ano, pode ter uma crise de crédito em breve, se o preço do petróleo cair.